

É fundamental que o trabalho feito de forma não mediática, há décadas, por algumas estruturas de arte contemporânea portuguesa seja reconhecido. O C.E.M em 2023 celebra 30 anos do espaço experimental, em 2025 faz 20 anos do festival urbano Pedras d'Água, e já tem 10 anos a trabalhar empenhadamente na vida em comunidade em pleno coração de Lisboa com o projecto Pátio – como vamos viver juntos?, o ajuntamento performativo do c.e.m.

O trabalho que o c.e.m. vem a desenvolver é único, e imprescindível para a criação performativa portuguesa, fundado na inscrição do corpo na pesquisa artística mas também na sua potência relacional. O trabalho que fazem é em toda a sua essência de cruzamento e transdisciplinar a todos os níveis, de encontro entre heterogeneidades (diferentes nacionalidades, identidades de género, gerações, linguagens artísticas...) e interseccional. O c.e.m é simultaneamente um trabalho de profunda descentralização no centro do centro da capital (porque tem uma dimensão intimista e humana, com uma dedicação sem igual às comunidades marginais e mais desprotegidas do centro da cidade, seja o isolamento dos mais velhos, mais carenciados ou emigrantes); tem uma escala internacional inquestionável (tanto como porta de entrada e acolhimento de muitos artistas vindos de outros países, em particular na relação com o Brasil, mas também em sentido inverso, nas muitas cumplicidades e partilhas com criadores e académicos, em particular do Brasil).

O c.e.m. não sai muito nos jornais nem nas televisões, mas o espaço de liberdade, verdadeira liberdade, de pesquisa, aberto a ser atravessado por tantas identidades tão distintas, faz dele um

laboratório de novas linguagens artísticas e modelos ou ferramentas de construção de comunidade e pertença. Devíamos todos estar-lhe muito gratos e aprender com o que ali fazem, de forma discreta e sem egos ou propagandas ilusórias. É ignorância e injustiça não reconhecer isto mesmo, está nos muitos criadores, portugueses e estrangeiros, que estão a trabalhar em Portugal ou no estrangeiro, reconhecidos internacionalmente, e que num momento do seu percurso artístico, normalmente no início (embora haja também quem mantenha ligações umbilicais com o c.e.m e continue ali, depois de décadas, a desenvolver o seu trabalho em profundidade e em substância), passou pelo c.e.m e foi marcante essa passagem.

Claudia Salinas